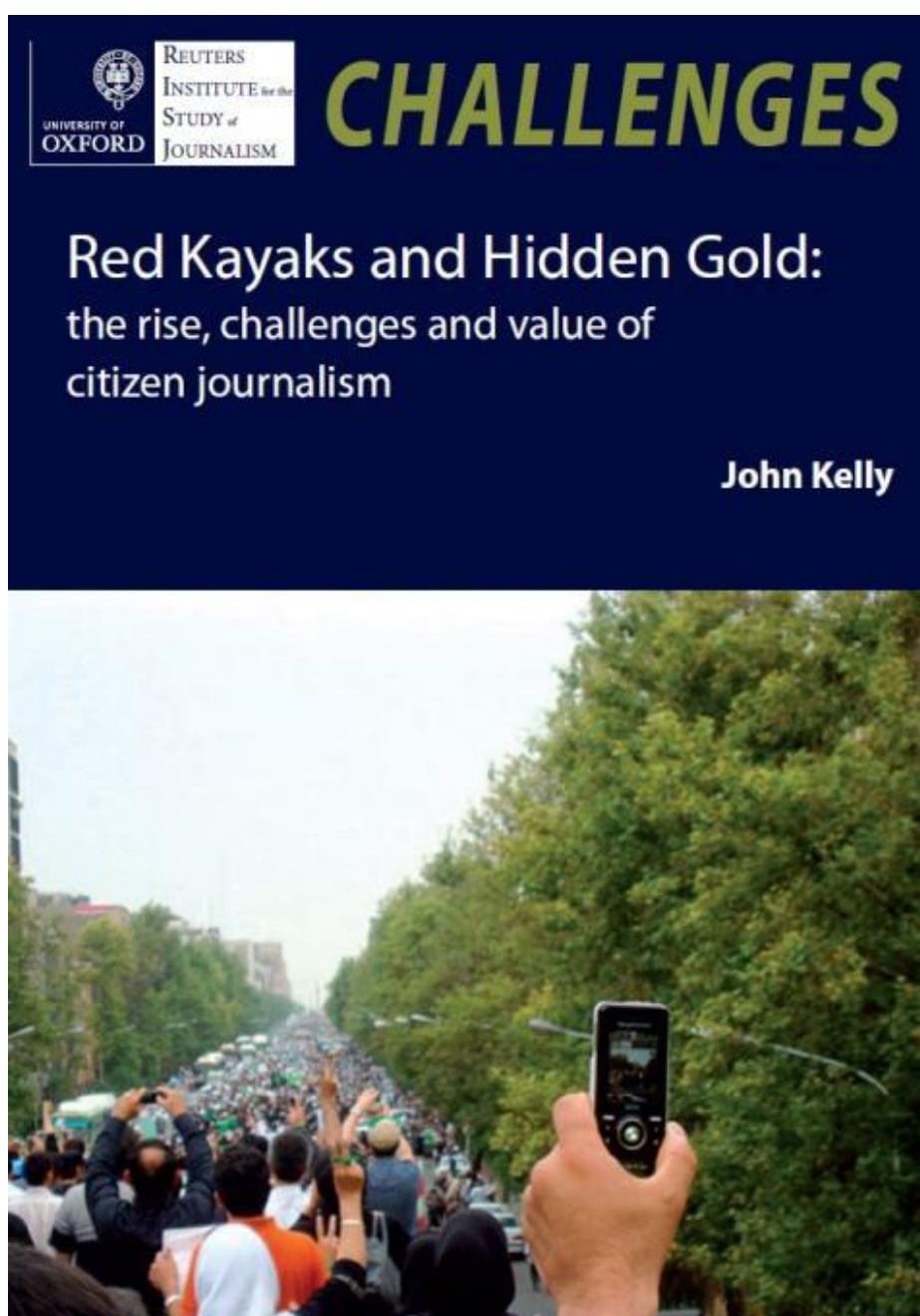


Red Kayaks and Hidden Gold: the rise, challenges and value of citizen journalism

Fábio Ribeiro

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho
fabiofonsecaribeiro@gmail.com



RECENSÃO CRÍTICA

Uma multidão desfila por uma longa avenida enquanto, lá de cima, um braço se estica empunhando um telemóvel que capta o momento. Parece estar a fotografar uma manifestação. É esta a imagem que serve de capa ao livro *Red Kayaks and Hidden Gold, The rise, challenges and value of citizen journalism*, de John Kelly (2009), editado pelo *Reuters Institute for the Study of Journalism*, da Universidade de Oxford (ISBN 978-0-9558889-7-7, 64 páginas, £13), que nos traz um relato simples, realista e ambivalente sobre o chamado 'jornalismo do cidadão', um tema que tem vindo a ocupar investigadores e decisores mediáticos, quanto à potencial mais-valia das contribuições do público nos média.

Ora, o que a capa do livro nos sugere, com a fotografia que ilustra uma pretensa manifestação e o título que refere o assunto primordial, convoca uma abordagem concreta a uma nova cultura mediática em que os cidadãos interagem com os jornalistas para lhes darem cobertura de diversos acontecimentos que estão a presenciar, seja através de imagens ou vídeos. Este novo ambiente, francamente potenciado pelas tecnologias avançadas de comunicação como o e-mail ou as redes sociais, abre múltiplos debates sobre a validade destas contribuições pelo público e o interesse e aproveitamento dos jornalistas por estes assuntos, por exemplo.

Depois de lidas as primeiras linhas, podemos confundir o relato de John Kelly como mais um dos textos em que o entusiasmo pelas novas tecnologias de comunicação se revela de tal forma impressionante que tudo parece um 'ouro escondido', como o próprio autor glosa no título do livro. Para alguns investigadores, a comunicação e interação digital ainda levantam algumas dúvidas. Para Rabia Polat (2005), a Internet pode fragmentar a sociedade em públicos dispersos e pouco ligados entre si, enquanto Poster afirma que o *online* é o reflexo da dispersão social (Poster, 1997, cit. em Rabia Polat, 2005). John Kelly defende, porém, que «o jornalismo do cidadão é um dos primeiros resultados da tecnologia» (p. 5).

Kelly, antigo jornalista do *The Washington Post*, reúne neste livro um conjunto de textos escritos durante um ano de investigação na Universidade de Oxford, sobre a relação entre o jornalismo e os cidadãos, no caso específico dos média britânicos, utilizando um caso real e muito interessante, que se passou justamente em Inglaterra. John Darwin, professor

britânico e antigo funcionário dos serviços prisionais, foi condenado em 2008 a seis anos e três meses de prisão, depois de ter sido descoberto o esquema de fraude que montou juntamente com a esposa, Anne. John tinha sido visto pela última vez, em 2002, em Hartlepool, uma pequena cidade do norte, a praticar remo no seu caiaque vermelho – ora aí está a primeira pista do título. Depois de alguns meses de buscas infrutíferas, John foi dado como desaparecido e Anne recebeu uma compensação financeira, decorrente de um seguro de vida, num valor de perto de 200 mil libras. O estranho desaparecimento de Darwin permaneceria na memória de uma inglesa, «uma mãe solteira que ficava acordada até tarde devido às insónias do filho» (p.3). Alguns anos após o sucedido, sem motivo aparente, decide fazer uma série de pesquisas no Google e, depois de algumas tentativas, descobre uma fotografiaⁱ do casal no Panamá. Rapidamente entrou em contacto com a polícia e com o jornal *Daily Mirror*, que, 5 de dezembro de 2007, publicaria a fotografia. A fraude foi descoberta e o casal detido. Anne Darwin acabaria por ser condenada a seis anos e seis meses de prisão, «por ser uma mentirosa compulsiva»ⁱⁱ. Deste modo, o caso ilustra como a intervenção do público pode ser decisiva para o reagendamento de determinados assuntos do espaço público.

O caso serve de mote para o resto do livro. A partir deste ponto, o autor elabora uma reflexão em torno de quatro eixos fundamentais. Contudo, destaca uma nota prévia: o jornalismo cívico não seria aquilo que é hoje na ausência de uma completa revolução tecnológica e comunicativa que se instalou na sociedade contemporânea. Abstém-se, porém, de considerações negativistas sobre o uso da tecnologia, o que até pode configurar uma debilidade neste texto. Em todo o caso, o autor considera que «não se exclui, neste ponto, a própria vontade dos cidadãos, simplesmente no passado não existiam muitas formas de as pessoas fazerem chegar aos média - para além do som das suas vozes - factos pouco conhecidos ou opiniões que partilham» (p. 5).

Após esta assunção base, John Kelly reflete sobre alguns acontecimentos que concorreram para a ideia de uma sociedade que procura colaborar com o jornalismo. Para Kelly, os jornais norte-americanos dos inícios dos anos 90 lidavam com uma sociedade amorfa, pouco envolvida nas questões sociais trazidas a público pela imprensa. E terá sido este o contexto que despoletou os princípios de uma consciência mais ativa das audiências nos média (p. 11). O autor não chega, contudo, a concretizar que imprensa terá sido a responsável pelo

emergir desta nova cultura jornalística, no entanto, Mário Mesquita (2004) defende que terão sido os jornais de cidades de pequena e média dimensão a começar a despertar para o tema. Todavia, Kelly refere que, perante a resistência de alguns profissionais do meio, os jornalistas «devem aceitar que a dinâmica mudou. Devem entender que o público é mais do que uma audiência inerte e monolítica» (p. 2). Fica desta forma sugerida a ideia de que os jornalistas sentem alguma relutância face a esta iniciativa, no entanto foram eles próprios a abrir as redações ao público. Ainda no capítulo dos antecedentes, Fernando Cascais (2001) constata que a origem do jornalismo do cidadão está relacionada com a intenção de romper com a ideia tradicional da objetividade e neutralidade jornalísticasⁱⁱⁱ. Também podemos assinalar o contributo dado pelo *Poynter Institute for Media Studies* ou o *Pew Center for Civic Journalism*, como instituições decisivas para a integração do público nos média, em finais dos anos 80, nos Estados Unidos da América, duas instituições de referência nos primórdios do jornalismo do cidadão (Couceiro, 2009).

Dada a complexidade do tema, o autor poderia ter aqui desenvolvido alguma reflexão sobre os múltiplos entendimentos dos investigadores relativamente ao conceito de 'jornalismo do cidadão'. Estes termos sugerem de algum modo que qualquer indivíduo poderá atuar como jornalista, um facto que nos merece algumas reservas, pelo facto de apenas o jornalista ser, à partida, o elemento que consegue tomar as decisões sobre o valor notícia, o enquadramento da situação reportada ou mesmo a própria construção do discurso mediático, competências que merecem um treino e uma formação específica. Se, para Bouman & Willis (2003), este conceito deriva da convicção de um papel ativo dos cidadãos no processo de produção de notícias – uma definição claramente genérica –, para John Kelly assume-se como uma prática baseada em «testemunhar, reportar, capturar, escrever, disseminar» um ou mais acontecimentos (p. 1). Kelly não dedica, por isso, uma atenção particular à própria expressão 'jornalismo do cidadão', o que pode constituir uma debilidade da própria reflexão. No entanto, vários têm sido os trabalhos que refletem oportunamente sobre este assunto. Na ótica de Rui Couceiro, 'jornalismo cívico' é diferente de 'jornalismo participativo ou do cidadão', uma vez que «o primeiro pretende fornecer informações e apelar a essa mesma intervenção por parte das pessoas. O segundo caracteriza-se pela intervenção voluntária das pessoas no próprio jornalismo e, conseqüentemente, no espaço cívico. É uma fase ainda mais avançada de envolvimento» (2009: 178).

No ponto seguinte o jornalista propõe-se a densificar algumas questões estruturantes que se colocam ao jornalismo do cidadão, um avanço que traz um substantivo interesse na obra. Ao considerar esta prática como uma lógica de construção social que tenta desmistificar o processo político, Kelly refere que o jornalismo do cidadão se valoriza essencialmente pela sua substância, por aquilo que pode representar de valor acrescentado para o discurso jornalístico, em vez do determinismo geográfico que supõe, por exemplo, que uma fotografia tirada numa localização privilegiada possa ter valor jornalístico de imediato. Por outro lado, o autor elenca algumas das motivações que podem levar os cidadãos a querer contribuir para o discurso jornalístico: o desejo de expressar opiniões; informar e informar-se; o reconhecimento e a reputação; a exposição; o ativismo e a criação de um sentimento de envolvimento cívico ou pelo simples poder e prazer da criação autónoma. No quadro das motivações e tendo como pano de fundo a intervenção ativa do público nos média, poderíamos acrescentar ainda outras: a necessidade de participar influenciada por questões político-partidárias; a vontade de socializar com o conteúdo partilhado, com as organizações mediáticas e com os restantes participantes; para partilhar opiniões ou visões do mundo; pela identificação pessoal que se nutre pelo formato participativo; para combater algum sentimento de solidão ou isolamento; para debater temas que afetam diretamente a vida do cidadão ou a participação influenciada por familiares ou amigos (Ribeiro, 2013).

Ainda neste ponto, que poderíamos compreender como aquele que encerra questões decisivas para o fenómeno estudado, o jornalista acrescenta uma reflexão que denuncia as limitações do jornalista do cidadão. Para tal, cita Andrew Keen (2007) – um acérrimo ciberpessimista – para quem a participação dos cidadãos nos média põe em causa a «veracidade dos factos, o discurso das fontes, oprimindo a primazia da experiência, trabalho e talento de indivíduos treinados, ameaçando o futuro das instituições culturais» (p. 29). Apoiando-se num estudo da BBC, Keen considera que a participação ainda não é transversal à sociedade, é apenas constituída por nichos, (pp. 31-32).

Desta forma, John Kelly chega ao último ponto da discussão em que projeta questões de futuro, sem propor respostas concretas. Que valor dão as pessoas ao jornalismo cívico? Que contributos fazem chegar aos média e qual a sua frequência? Quais são as lógicas e qual a rapidez dos média na apropriação desse material? Como é feita essa disseminação? Podem os investigadores sugerir alterações políticas decorrentes da atividade participativa dos

cidadãos nos média? Em Portugal, ainda não existem respostas concretas para estas dúvidas. Os mecanismos participativos não estão ainda totalmente instalados e o público sensível a esses formatos encontra-se disperso.

«Essencial para todos aqueles que pretendem compreender a mudança da natureza jornalística», como refere Nic Newman, membro da BBC Future Media & Technology, na contracapa do livro, *Red Kayaks and Hidden Gold, The rise, challenges and value of citizen journalism* questiona as alterações que o público trouxe aos média e reforça a ideia de que o jornalismo já não é um discurso unilateral e a participação dos cidadãos pode calibrar um discurso jornalístico que tem em conta a visão dos recetores.

Referências Bibliográficas

- Bouman, S. & Willis, C. (2003) *We Media: how audiences are shaping the future of news and information*, Reston: The American Press Institute [http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media.pdf, acedido a 11 de Novembro de 2009].
- Cascais, F. (2001) *Dicionário de Jornalismo: A palavra dos media*, Lisboa: Editorial Verbo.
- Couceiro, R. (2009) *Jornalismo e cidadãos em interação: Estudo de caso da rubrica “Nós por Cá” (SIC)* In *Comunicação e Sociedade*, vol. 15, pp. 173-190.
- Kelly, J. (2009) *Red Kayaks and Hidden Gold, The rise, challenges and value of citizen journalism*, Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, University of Oxford.
- Mesquita, M. (2003) *O Quarto Equívoco: O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*, Coimbra: MinervaCoimbra.
- Polat, R. (2005) “The Internet and Political Participation: Exploring the Explanatory Links”, In *European Journal of Communication*, vol. 20, 435 - 459
- Ribeiro, F. (2013) *A participação dos cidadãos nos média portugueses: estímulos e constrangimentos*. Tese de doutoramento. Braga: Instituto de Ciências Sociais.

Referências da Web

http://en.wikipedia.org/wiki/John_Darwin_disappearance_case#Sentencing

<http://static.guim.co.uk/Guardian/uk/gallery/2008/jul/22/ukcrime/GD5535464@NO-CROPPING,-MUST-USE-531.jpg>

ⁱ <http://static.guim.co.uk/Guardian/uk/gallery/2008/jul/22/ukcrime/GD5535464@NO-CROPPING,-MUST-USE-531.jpg>

ⁱⁱ http://en.wikipedia.org/wiki/John_Darwin_disappearance_case#Sentencing

ⁱⁱⁱ A propósito de objetividade, é curiosa a interpretação de John Kelly ao referir que «uma vasta maioria de americanos mais depressa acredita em pires voadores e conspirações sobre o 11 de Setembro do que na objetividade dos media» (p. 7).